

A black and white portrait of Alexandre Dumas, showing him from the chest up. He has thick, curly hair and is wearing a dark coat with a white collar. The background is dark and out of focus.

**A CABEÇA DECEPADA E OUTROS
CONTOS DE TERROR**

ALEXANDRE DUMAS

TRIUMVIRATUS - SÉRIE MESTRES DO TERROR, HORROR E FANTASIA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ALEXANDRE DUMAS

**A CABEÇA DECEPADA
E OUTROS CONTOS DE TERROR**

TRIUMVIRATUS

2015



SUMÁRIO

SOBRE OS CONTOS

A CABEÇA DECEPADA

I - A rua Diana em Fontenay-aux-Roses

II - O beco dos Sargentos

III - O termo de interrogatório

A PERSISTÊNCIA DA VIDA APÓS A GUILHOTINA

I - Solange

II - Albert

O BRACELETE DE CABELOS CADAVERÍCOS

CRÉDITOS

TÍTULOS E COLEÇÕES

SOBRE OS CONTOS

No ano de 1831, convidado por um velho amigo, secretário particular do rei, compareceu Alexandre Dumas à região de Fontenay-aux-Roses para a abertura da temporada de caça.

Ao se afastar dos companheiros em meio a uma caçada, Dumas chega à vila de Fontenay-aux-Roses, onde se depara com uma cena aterradora.

Jacquemin, um operário de pedreira, corre, repleto de terror, à casa do prefeito Ledru e, implorando para ser preso, confessa um crime hediondo: acabara de decapar a cabeça da própria mulher.

São aterrorizantes os fatos, por Dumas narrados com maestria, que motivaram, em “A cabeça decepada”, aquela desesperada confissão.

O horror prossegue em “A persistência da vida após a guilhotina”. Quando jovem, o agora prefeito Ledru exercera a medicina. Fora um cientista dedicado a causas humanitárias. Num laboratório improvisado, em pleno cemitério de Clamart – onde, durante o reinado do Terror da Revolução Francesa, eram sepultados em valas comuns os supliciados na guilhotina –, dedicara-se a um macabro experimento: provar que a vida e a consciência perduram, ainda que por breves e terríveis instantes, em sequência à cruel decapitação. Após salvar, nas ruas da Paris revolucionária, a vida de uma aristocrata fugitiva, disfarçada de lavadeira, por quem se apaixona, Ledru protagonizará uma horripilante experiência, que confirma, hediondamente, as suas fúnebres teorias.

Amigo de Ledru, o Sr. Alliette, alquimista que parece possuir o elixir da longa vida, narra uma história fantasmagórica. Em “O bracelete de cabelos cadavéricos”, uma pobre mulher, atormentada por revelações precognitivas, precisa cumprir a última vontade do falecido marido, ainda que, para tanto, e com a ajuda de um terrível ente espectral, tenha de retirá-lo da sepultura.

Estas narrativas integram o livro “Os mil e um fantasmas” (“Les mille et un fantômes”), de 1849. A tradução, que apresentamos ao leitor, de um autor desconhecido do século XIX, foi por nós recuperada em jornal secular e sofreu uma necessária adaptação – e mesmo, em alguns casos, uma reescrita. Conservamos, porém, na medida do possível, o sabor especial da linguagem de meados do século antepassado.



A CABEÇA DECEPADA

I - A rua Diana em Fontenay-aux-Roses

Às cinco horas da manhã fomos caçar, guiados pelo filho de nosso anfitrião.

Gosto de caça, mas o passeio me aborrece e, mais ainda, o passeio por meio do campo. Assim, sob o pretexto de ir explorar um campo que me ficava à esquerda, e no qual eu estava certo que nada acharia, rompi a linha dos caçadores e desviei-me.

Mas o que havia nesse campo, a me inspirar o desejo — que, havia muito, me dominava — era um caminho cavado que, subtraindo-me às vistas dos demais caçadores, devia levar-me pela estrada de Sceaux direto a Fontenay-aux-Roses.

Não estava enganado: ao dar uma hora na igreja da aldeia, eu me achava junto das suas primeiras casas.

Caminhei ao longo de uma parede que parecia guarnecer uma bela propriedade. Mas, ao chegar ao ponto em que a rua Diana cruza com a rua Grande, vi correr, em minha direção, do lado da igreja, um homem de aspecto tão estranho que parei e, instintivamente, engatilhei a minha espingarda, levado apenas pelo senso de autopreservação.

Todavia, pálido, com cabelos eriçados, os olhos a saltar-lhe das órbitas, as roupas em desalinho e as mãos ensanguentadas, esse homem passou por mim, sem me ver. Seu olhar estava ao mesmo tempo fixo e vago. Seu andar tinha a exaltação invencível de um corpo que desce em desabalada carreira um íngreme declive e, no entanto, o ofegar de sua respiração indicava mais horror do que cansaço.

No cruzamento das duas vias, ele deixou a pela qual vinha, e tomou a rua Diana, que se abria à propriedade cujos altos muros eu havia acompanhado por durante alguns minutos. Esse portão, que imediatamente se fixaram em meus olhos, era pintado de verde e tinha por cima o n^o 2. A mão do homem estendeu-se para a campainha muito antes de poder alcançá-la e, quando a alcançou, balançou-a violentamente. Depois, volteando sobre si mesmo, achou-se sentado em um dos marcos que resguardavam a porta. Ficou imóvel, com os braços caídos, e com a cabeça inclinada sobre o peito.

Dei meia volta, compreendendo que aquele homem deveria ser protagonista de algum drama desconhecido e terrível.

Por trás dele, e de ambos os lados da rua, algumas pessoas, nas quais ele produzira a mesma impressão eu sentira, haviam saído de suas casas e contemplavam-no com espanto igual ao que eu mesmo sentia.

Ao toque da campainha, que retinha com força, abriu-se uma portinhola, que ficava próxima ao portão principal, e apareceu uma mulher de quarenta para quarenta e cinco anos.

— Ah, é você, Jacquemin? — disse. — O que está fazendo?

— O senhor prefeito está em casa? — perguntou, com voz abafada, o homem a quem essas palavras eram dirigidas.

— Sim.

— Então, tia Antônia, vá dizer-lhe que eu matei minha mulher, e que venho entregar-me à prisão.

A tia Antônia deu um grito a que responderam duas ou três exclamações arrancadas pelo terror às pessoas que, por estarem mais próximas, tinham ouvido essa terrível confissão.

Eu mesmo dei um passo para trás, encontrando o tronco de uma árvore, na qual me encostei.

De toda sorte, todos os que a ouviram haviam-se imobilizado.

Quanto ao assassino, tinha escorregado do marco ao chão, como se, depois de proferidas essas palavras, as suas forças houvessem-no abandonado.

Entretanto, a tia Antônia havia desaparecido, deixando aberta a portinhola.

Evidentemente, fora levar a seu patrão o recado que Jacquemin lhe mandara.

Cinco minutos depois, surgiu ao portão aquele a quem ela fora procurar.

Estava ele acompanhado por dois homens.

Ainda posso ver o aspecto da rua: Jacquemin tinha, como já disse, caído ao chão. O prefeito de Fontenay-aux-Roses, que fora chamado pela tia Antônia, achava-se junto a ele dominando-o de toda a sua altura, que era notável. Na abertura do portão estavam as duas pessoas de quem mais detidamente teremos ocasião de falar. Eu estava encostado à árvore na rua Grande, de onde estendia o meu olhar ao longo da rua de Diana. Ficava-me à esquerda um grupo composto por um homem, uma mulher e uma criança; a criança chorava para que sua mãe a pegasse no colo.

Por detrás desse grupo, um padeiro enfiava a cabeça por uma janela do primeiro andar, conversando com um ajudante que estava embaixo; perguntava-lhe se aquele não era Jacquemin, o operário de pedreira, que acabava de passar correndo. Por fim, surgia, no limiar da porta, um ferreiro, negro pela frente, mas com as costas iluminadas pela chama de sua forja, mantida acesa pelo contínuo soprar do fole entregue às mãos de um aprendiz. Isto se passava na rua Grande.

Quanto à rua de Diana, fora o grupo principal que descrevemos, estava deserta. Somente em sua extremidade viam-se surgir dois soldados da polícia, que acabavam de rondar a planície para pedir aos caçadores os portes de armas, e que, sem desconfiar do trabalho que os aguardava, aproximavam-se tranquilamente.

O sino tocou uma hora e quinze minutos.



—Qu'as-je besoin d'y aller, puisque j'en suis sûr, puisque je veux être que je l'ai fait ?

II - O beco dos Sargentos

A última vibração do sino confundiu-se com a primeira palavra do prefeito.

— Jacquemin — disse ele —, espero que a tia Antônia esteja desvairando: ela acaba de dizer-me que a tua mulher está morta e que foste tu quem a matou.

— É a pura verdade, senhor prefeito — respondeu Jacquemin. — Mande-me já para a cadeia e julguem-me depressa.

Assim falando, tentou levantar-se, agarrando-se ao marco; mas, depois de um esforço, caiu, como se os ossos das pernas estivessem quebrados.

— Ora esta, estás louco! — exclamou o prefeito.

— Olhe para as minhas mãos — respondeu Jacquemin.

E ergueu as duas mãos ensanguentadas, cujos dedos, crispados, pareciam garras.

De fato, a esquerda estava vermelha até o punho; a direita, até o cotovelo. Além disso, um filete de sangue escorria do polegar da mão direita, com toda a probabilidade proveniente de uma dentada que a vítima, lutando para defender-se, havia dado em seu assassino.

Durante esse tempo, os dois soldados haviam-se aproximado, parando a dez passos do ator principal da cena. Montados em seus cavalos, viam o que ocorria.

O prefeito fez-lhes um sinal. Eles apearam e lançaram as rédeas dos seus cavalos a um menino com quepe de polícia, que parecia um pequeno militar.

Depois, acercaram-se de Jacquemin e o levantaram por baixo dos braços.

Este cedeu, sem opor a menor resistência, e com a atonia de um homem cujo espírito encontra-se abortido em um único pensamento.

Chegaram no mesmo instante o comissário de polícia e o médico; tinham sido informados do que ocorria.

— Ah, venha, Sr. Robert! Venha, Sr. Cousin! — disse o prefeito.

O Sr. Robert era o médico; o Sr. Cousin, o comissário de polícia.

— Venham. Eu já ia mandar chamá-los.

— Então, o que temos? — perguntou o médico com o ar mais jovial do mundo. — Um mero assassinato, ao que dizem.

Jacquemin não respondeu.

— Ora, diga, pai Jacquemin — prosseguiu o doutor —, será mesmo verdade que mataste a tua mulher?

Jacquemin não deu palavra.

— Ao menos, ele acaba de acusar a si mesmo — disse o prefeito. — Faça fé, todavia, em que tudo não passe de um momento de alucinação, e não de um crime real... Que uma loucura o tenha levado a confessar.

— Jacquemin — disse o comissário de polícia —, é verdade que mataste a tua mulher?

Igual silêncio.

— Em todo caso, vamos verificá-lo — disse o doutor. — Ele não mora no

beco dos Sargentos?

— Sim — respondeu um dos soldados.

— Pois então, Sr. Ledru [\[1\]](#) — disse o doutor ao prefeito —, vamos ao beco dos Sargentos.

— Para lá eu não vou! Não vou! — exclamou Jacquemin, desvencilhando-se das mãos dos soldados com uma força tal que, se ele pretendesse mesmo fugir, já estaria a cem passos dali antes que alguém cogitasse de correr em seu encaço.

— Então, por que tu te recusas a ir? — perguntou o prefeito.

— Que necessidade há de ir lá, se tudo confesso, se digo que a matei, matei-a com a grande espada de duas mãos que tirei o ano passado do Museu de Artilharia? Levem-me à cadeia! Nada tenho a fazer na minha casa. Levem-me para a cadeia!

O doutor e o Sr. Ledru olharam um para o outro.

— Meu amigo — disse o comissário de polícia, que, como o Sr. Ledru, ainda esperava que Jacquemin estivesse entregue a uma momentânea alucinação de espírito —, meu amigo, a confrontação é necessária, e cumpre que a ela se preste para guiar a Justiça.

— Que necessidade tem a Justiça de ser guiada? — disse Jacquemin. — Hão de achar o corpo na adega, e, junto a ele, sobre um saco de gesso, a cabeça decepada. Agora, levem-me para a cadeia.

— É necessário que venhas conosco — disse o comissário de polícia.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — exclamou Jacquemin, entregue a mais assombroso terror. — Oh, meu Deus! Se eu soubesse...

— Então, o que terias feito? — perguntou o comissário de polícia.

— Ora, eu teria me matado!

O Sr. Ledru balançou a cabeça e voltou os olhos para o comissário de polícia, como se lhe dissesse: “Há em tudo isso algum mistério”.

— Meu amigo — prosseguiu falando ao assassino —, conta-me tudo, a mim.

— Sim, ao senhor, conto tudo o que quiser. Pergunte, interrogue-me.

— Como é possível que, já que tiveste coragem para cometer semelhante crime, não a tens para confrontar a tua vítima? Há alguma coisa que tu ainda não nos disseste?

— Oh, sim! Uma coisa terrível.

— Pois vamos, diz o que foi.

— Não. Os senhores diriam que não é verdade, que estou louco.

— Não faz mal. Conta-me.

— Está certo. Mas só conto ao senhor.

E aproximou-se do Sr. Ledru. Os soldados quiseram impedi-lo. O prefeito fez um sinal e, obedecendo à ordem, os guardas deixaram-no livre. Até por quê, mesmo que Jacquemin quisesse fugir agora, teria sido impossível. Metade da população de Fontenay-aux-Roses estava apinhada naquele lugar.

Jacquemin chegou-se, pois, ao ouvido do Sr. Ledru.

— O senhor acredita — perguntou-lhe em meia voz —, acredita que, mesmo depois de separada do corpo, uma cabeça possa falar?

O Sr. Ledru soltou uma exclamação que se parecia com um grito e visivelmente empalideceu.

— Acredita? Diga-me — repetiu Jacquemin.

O Sr. Ledru fez um esforço.

— Sim — disse —, acredito.

— Pois então ouça: ela falou...

— Quem?

— A cabeça! A cabeça de Jeanne!

— O que estás dizendo?

— Estou afirmando que ela estava com os olhos abertos, que moveu os lábios. Digo-lhe que ela me encarou e, fitando-me, chamou-me: “**Miserável!**”

Ao dizer essas palavras, que tinham a intenção de alcançar apenas o Sr. Ledru, mas que, todavia, foram por todos ouvidas, Jacquemin estava com um semblante assustador.

— Ah, que troça! — exclamou o doutor, rindo-se. — Ela falou... Uma cabeça decepada falou!

Jacquemin voltou-se para ele:

— Pois eu estou afirmando... — disse.

— Esta é mais uma razão para irmos ao local em que o crime foi cometido — disse o comissário. — Soldados, tragam o preso!

Jacquemin deu um grito, contorcendo-se:

— Não, não! — exclamou. — Cortem-me aos pedaços, se quiserem. Mas não irei.

— Vem, meu amigo — disse o Sr. Ledru. — Se é verdade que cometeste o crime terrível de que és acusado, isso será o começo de expiação. Além de quê — acrescentou em voz baixa —, a resistência é inútil. Se não quiseres ir espontaneamente, os soldados te levarão à força.

— Pois então, irei — disse Jacquemin. — Prometa-me, porém, uma coisa, Sr. Ledru.

— Qual?

— Todo o tempo que estivermos na adega, o senhor há de ficar ao meu lado.

— Certo.

— O senhor permite que eu segure a sua mão?

— Permito.

— Pois então, vamos.

E, tirando do bolso um lenço, enxugou o rosto molhado de suor.

Encaminharam-se todos para o beco dos Sargentos.

O comissário de polícia e o doutor iam adiante; seguiam-nos Jacquemin e dois soldados.

Após eles, vinham o Sr. Ledru e dois homens que tinham aparecido à sua porta ao mesmo tempo que ele.

Depois rolava, como uma torrente cheia de agitação e de rumores, todo o povo com o qual eu me havia confundido.

Depois de cerca de um minuto, chegamos ao beco dos Sargentos: ficava ele à esquerda da rua Grande, e ia descendo até dar em um portão de madeira

arruinado, que se abria ao mesmo tempo dos dois lados, e tinha uma portinhola aberta.

Esta só estava segura por uma dobradiça.

À primeira vista, tudo parecia tranquilo nessa casa. Uma roseira florescia à porta e, junto à roseira, em um banco de pedra, aquecia-se ao sol, cheio de bem-aventurança, um gato ruivo.

Ao ver tanta gente, ao ouvir tanto barulho, assustou-se, fugiu e sumiu-se pela claraboia de um porão.

Chegando ao portão que indicamos, Jacquemin parou. Os soldados quiseram obrigá-lo a entrar.

— Sr. Ledru — disse ele, voltando-se —, Sr. Ledru, o senhor prometeu não me abandonar.

— Pois aqui estou — disse o prefeito.

— Dê-me o seu braço, dê-me o seu braço!

E titubeava, como se estivesse a ponto de cair. O Sr. Ledru aproximou-se, fez sinal aos soldados para que largassem o preso, e deu-lhe o braço.

— Respondo por ele — disse.

Era evidente que, nesse momento, o Sr. Ledru já não era o prefeito da aldeia que procura a punição por um crime, mas sim o filósofo que explora o domínio do incógnito. Apenas que o seu guia, nessa singular exploração, era um assassino.

Entraram primeiro o doutor e o comissário de polícia. Seguiram-se o Sr. Ledru e Jacquemin. Em seguida, os dois soldados. Depois, alguns privilegiados, eu entre eles, graças ao contato que tivera com os senhores soldados, para quem eu já não era um desconhecido, eis que tivera a honra de encontrá-los na planície e de mostrar-lhes o meu porte de armas.

A porta então fechou-se, e o povo ficou de fora, murmurando.

Nada indicava o terrível acontecimento que nessa casinha acabara de acontecer. Tudo estava em seu lugar: a cama de sarja verde na alcova, tendo à cabeceira um crucifixo de madeira negra, coroada por um raminho de buxo seco, benzido na Páscoa. Sobre a lareira, um menino Jesus de cera, deitado no meio de flores, entre dois castiçais outrora prateados. À parede, quatro gravuras coloridas, emolduradas em madeira negra, representando as quatro partes do mundo.

Na mesa estavam talheres para um; no fogo, uma panela a ferver; e, junto a um cuco, que dava a meia-hora, um armário aberto.

— Até agora, não vejo nada! — disse o doutor, com seu tom jovial.

— Entrem pela porta da direita — disse Jacquemin, com voz abafada.

Seguiram essa indicação e acharam-se em uma espécie de despensa onde, num dos cantos, havia um alçapão, por cuja abertura tremia uma luz que vinha de baixo.

— Ali, ali — disse Jacquemin, agarrando-se ao braço do Sr. Ledru, e mostrando com a outra mão a abertura da adega.

— Ah! Ah! — sussurrou o doutor ao comissário com esse terrível sorriso daqueles em quem nada causa impressão, porque em nada acreditam. — Parece que a Sra. Jacquemin seguiu o preceito de mestre Adam [2].

E cantarolou:

*“Quando eu morrer, enterrem-me
Na adega...”*

— Silêncio! — bradou Jacquemin, com o rosto lívido, os cabelos eriçados, a testa coberta de suor. — Aqui não se canta!...

Dominado pelo tom dessa voz, o doutor calou-se. Mas, quase imediatamente, descendo os primeiros degraus da escada, perguntou:

— O que é isto?

E, abaixando-se, apanhou uma espada de folha larga. Era a que Jacquemin, como havia dito, tinha tirado em 29 de julho de 1830^[3] do Museu de Artilharia. O ferro estava coberto de sangue.

O comissário de polícia tomou-a da mão do doutor.

— Reconhece esta espada? — disse ao preso.

— Sim — respondeu Jacquemin. — Depressa, vamos! Acabemos com isto!

Era o primeiro vestígio do crime que encontravam.

Penetraram na adega, cada qual na ordem que já indiquei. À frente, o médico e o comissário de polícia; depois, o Sr. Ledru e Jacquemin; em seguida, as duas pessoas que estavam na casa do prefeito; depois os guardas e os privilegiados, entre os quais eu me encontrava.

Após descer o sétimo degrau, levei os olhos ao interior da adega e contemplei o horrível espetáculo que vou esboçar.

O primeiro elemento em que caíram os meus olhos foi um cadáver sem cabeça, deitado junto a um barril, cuja torneira meio aberta deixava ainda escorrer o vinho que, formando um regato, ia sumir-se sob o baixete.

O cadáver estava torcido no meio, como se o torso, revirado para trás, houvesse começado um movimento de agonia que as pernas não puderam acompanhar. O vestido estava arregaçado de um lado até a liga.

Via-se que a vítima havia sido golpeada no momento em que, de joelho em frente ao barril, começava a encher uma garrafa, que lhe havia fugido das mãos e jazia no chão, ao seu lado.

Toda a parte superior do corpo nadava em um lago de sangue.

Em cima de um saco de gesso encostado na parede, como um busto em uma coluna, via-se, ou antes adivinhava-se, uma cabeça, coberta pelos cabelos. Um traço de sangue avermelhava o saco do alto até a metade.

O doutor e o comissário de polícia já haviam examinado o cadáver e achavam-se ao pé da escada.

No meio da adega estavam os dois amigos do Sr. Ledru e alguns curiosos que, pressurosos, haviam penetrado ali. Embaixo da escada estava Jacquemin, a quem fora impossível levar adiante. Detrás de Jacquemin, dois soldados. Detrás desses, cinco ou seis pessoas, em cujo número eu estava, e que comigo se agrupavam na escada. Todo esse lúgubre interior era iluminado pela trêmula luz de uma vela posta em cima do mesmo barril junto ao qual jazia o cadáver da Sra. Jacquemin.

— Tragam uma mesa e uma cadeira — disse o comissário — e lavremos o termo.



D. s'étant baïlé, Il ramassa une épée à large lame.

III - O termo de interrogatório

Trouxeram ao comissário o que este pedira. Ele sentou-se à mesa, pediu a vela que o médico lhe trouxe passando por cima do cadáver, tirou da algibeira um tinteiro, penas e papel, e começou o seu termo.

Enquanto ele escrevia o preâmbulo, o doutor fez um movimento de curiosidade para aquela cabeça posta em cima do saco de gesso; o comissário, porém, o deteve.

— Não toque em nada — disse. — O regulamento acima de tudo.

— Tens razão — disse o doutor, voltando para o seu lugar.

Houve alguns minutos de silêncio, durante os quais somente se ouviu a pena do comissário ranger no papel rugoso do governo, enquanto sucediam-se as linhas com rapidez de uma fórmula a que muito acostumado estava quem as escrevia.

No fim de algumas linhas, ele levantou a cabeça e olhou ao redor.

— Quem nos quer servir de testemunhas? — perguntou, dirigindo-se ao prefeito.

— Por certo a isso se prestarão estes dois senhores — disse o Sr. Ledru, apontando para os seus amigos que estavam próximos do comissário de polícia.

— Bem — disse este. E, voltando-se para mim, falou-me:

— O senhor será a terceira, se não lhe for desagradável ver seu nome figurando no termo judicial.

— Com muito gosto, senhor — respondi-lhe.

— Faça o favor então de descer — disse o comissário.

Sentia alguma repugnância em aproximar-me do cadáver. De onde eu estava, certos pormenores, sem de todo me escaparem, apareciam-me menos asquerosos, perdidos em uma semiobscuridade, que encobria seu horror com um véu de poesia.

— Será indispensável? — perguntei.

— O quê?

— Que eu desça.

— Não. Pode ficar onde está, se assim prefere.

Acenei com a cabeça, como se dissesse: “Desejo ficar onde estou”.

O comissário de polícia voltou-se para o amigo do Sr. Ledru que se achava mais próximo.

— Seu nome, idade, profissão, estado e residência... — perguntou com a volubilidade de quem está acostumado a fazer este tipo de perguntas.

— Jean-Louis Alliette^[4] — respondeu a quem ele se dirigia. — Chamam-me Eteilla por anagrama, literato, moro na rua da Antiga Comédia nº 20.

— Esqueceu-se de dizer a idade — disse o comissário.

— Devo dizer a idade que tenho ou a que me dão?

— Diga a idade que tem, ora! A gente não tem duas idades.

— Entretanto, senhor comissário, certas pessoas, Cagliostro, o conde de Saint Garmain, o Judeu Errante^[5], por exemplo...

— O senhor está querendo dizer que é Cagliostro, o conde de Saint-Germain, o Judeu Errante? — disse o comissário, franzindo a testa, achando que zombavam dele.

— Não, mas...

— Setenta e cinco — disse o Sr. Ledru. — Escreva setenta e cinco anos, Sr. Cousin.

— Está certo — disse o comissário.

E escreveu.

— E o senhor? — prosseguiu falando ao segundo amigo do Sr. Ledru. E repetiu a exatamente as mesmas palavras que já havia dito.

— Pierre-Joseph Moulle, de sessenta e um anos, eclesiástico, de serviço na igreja de São Sulpício, morador na Rua Servadoni nº 11 — respondeu com doce voz a pessoa interrogada.

— E o senhor? — perguntou-me o comissário.

— Alexandre Dumas, autor dramático, de vinte e sete anos de idade, morador na rua da Universidade nº 21, em Paris — respondi.

O Sr. Ledru voltou-se para mim e fez-me um gracioso cortejo, a que respondi como o melhor pude.

— Bem! — disse o comissário de polícia. — Vejam se está exato, senhores, e se têm alguma observação a fazer.

E com este tom fanhoso e monótono que só pertence aos funcionários públicos, leu:

“Hoje, primeiro de setembro de 1831, às duas horas da tarde, tendo sido avisados pelo rumor público que um assassinato acabava de ser perpetrado, na comuna de Fontenay-aux-Roses, na pessoa de Marie-Jeanne Doucoudray, por seu marido Pierre Jacquemin, e que este tinha ido à casa do Sr. Jean-Pierre Ledru, prefeito da dita comuna, para voluntariamente declarar-se autor desse crime, nos dirigimos à casa do dito Jean-Pierre Ledru, rua de Diana nº 2, à que chegamos acompanhados pelo Sr. Sébastien Robert, doutor em Medicina, morador da mesma comuna de Fontenay-aux-Roses, e aí achamos já nas mãos de soldados da polícia o Sr. Pierre Jacquemin, o qual perante nós repetiu que era autor da morte de sua mulher, e então intimamo-lo a que nos acompanhasse à casa em que fora cometido o crime. A isto negou-se ele a princípio; mas, tendo cedido às insistências do Sr. prefeito, dirigimo-nos ao beco dos Sargentos, onde se acha a casa do dito Jacquemin. Ai chegando, fechamos a porta para obstar que o povo invadisse a casa, e penetramos em uma primeira câmara, na qual nada indicava que um crime acabara de ser cometido. Depois, a convite do próprio Jacquemin, entramos em outra câmara e em um dos cantos dela achamos aberto um alçapão que dava para uma escada. Tendo-nos sido esta indicada como levando a uma adega onde devíamos achar o corpo da vítima, pusemo-nos a descer a dita escada, em cujos primeiros degraus achou o doutor uma espada, de punho feito em forma de cruz, de ferro largo e afiado, que o dito Jacquemin nos confessou ter sido por ele tomada por ocasião da revolução de julho, no Museu de Artilharia, e ter-lhe servido para a perpetração do crime. E no chão da adega achamos o corpo da mulher de Jacquemin, nadando em sangue, com a cabeça decepada do tronco, que estava em cima de um saco de gesso encostado à

parede. E o dito Jacquemin, tendo reconhecido que esse cadáver e essa cabeça eram da sua mulher, em presença do Sr. Jean-Pierre Ledru, prefeito da comuna de Fontanay-aux-Roses, do Sr. Jean-Louis Alliette, litetato, de idade 75 anos, morador em Paris, rua da Antiga Comédia nº 20, do Sr. Pierre-Joseph Moulle, de idade de 61 anos, eclesiástico, no serviço da igreja de São Sulpício nº 11, e do Sr. Alexandre Dumas, autor dramático, de idade 27 anos, morador em Paris, rua da Universidade nº 21, procedemos, como segue, ao interrogatório do réu”.

— É isto, senhores? — perguntou o comissário, voltando-se para nós com ar de evidente satisfação.

— Exatamente, senhor — respondemos.

— Pois agora interroguemos o réu.

Voltando-se então para o preso, que durante toda a leitura respirara ruidosamente, como um homem oprimido, disse:

— Declare o seu nome, idade, domicílio e profissão.

— Isso levará muito tempo? — perguntou o preso, como um homem cujas forças se esgotavam.

— Responda: seu nome?

— Pierre Jacquemin.

— Sua idade?

— Quarenta e um anos.

— Sua residência?

— O senhor bem sabe, pois estamos nela.

— Não faz mal, a lei quer que responda.

— Beco dos Sargentos.

— Profissão?

— Operário de pedreira.

— Confessa que é o autor do crime?

— Sim.

— Diga-nos a causa que fez o perpetrar do delito e em que circunstâncias.

— A causa... é inútil — disse Jacquemin. — É um segredo que ficará comigo.

— Entretanto, não há efeito sem causa.

— Digo que ninguém saberá as causas. Quanto às circunstâncias, como o senhor disse, o senhor quer conhecê-las?

— Sim.

— Bem, vou contá-las. Quem trabalha, como nós, debaixo da terra, no escuro, e acredita padecer de uma agonia, aflige-se muito, e então vê-se entregue a maus pensamentos.

— Oh, oh! — atalhou o comissário. — Confessa então que houve premeditação?

— Pois se lhe garanto que confesso tudo. Acha que não é o bastante?

— Sim, é o bastante, mas continue.

— Esse mau pensamento que me ocorreu foi o de matar Jeanne. Por de um mês, isso me atormentou o espírito; o coração impedia a cabeça; enfim, uma palavra que um camarada me disse fez com que eu me decidisse.

— Que palavra?

— Isto é algo que não lhes diz respeito. Nesta manhã, eu disse a Jeanne:

“— Hoje não vou trabalhar. Quero divertir-me, como se fosse dia santo. Irei jogar bola com os amigos. Trata de que o almoço esteja pronto a uma hora.

“— Mas...

“— Não quero observações: quero o almoço cedo, ouviste?”

“— Está bem — disse Jeanne.

“E saiu para tratar da cozinha.

“Todavia, em vez de jogar bola, peguei a espada que aí está. Eu mesmo a tinha afiado numa mó. Desci a adega e escondi-me por entre os barris, dizendo: “Ela terá de descer para vir buscar o vinho. Então, veremos.”

“Quanto tempo ali fiquei, agachado, por detrás daquele barril que está ali... não sei. Tive febre. O meu coração palpitava. Via tudo vermelho em meio às trevas.

“E também havia uma voz que dentro e em volta de mim repetia a palavra que o meu camarada me dissera ontem.”

— Mas, enfim, que palavra era essa? — insistiu o comissário.

— É inútil perguntá-la. Já disse que não diria.

“Enfim ouvi o roçar de um vestido e passos que se aproximavam. Vi uma luz tremor. Vi pernas que desciam e depois a cabeça... Vi muito bem a cabeça. Jeanne tinha uma vela na mão.

“— Ah! — disse eu. — Perfeito!

“E repeti comigo a palavra que me dissera o camarada.

“Entretanto, ela se aproximava. Palavra de honra! Parecia que ela suspeitava de alguma desgraça. Estava amedrontada. Olhava para todos os lados. Mas eu estava bem escondido: nem me movi.

“Então ela ajoelhou-se diante de um barril, aproximou a garrafa e abriu a torneira.

“Levantei-me. Ela estava ajoelhada. O barulho do vinho que caía na garrafa não lhe deixava ouvir o ruído que eu fazia. Além de quê, eu fazia muito pouco barulho. Ela estava ajoelhada como uma criminoso, como uma condenada. Levantei a espada e... zás! Nem sei se ela deu um grito. A cabeça rolou.

“Naquele momento, eu não queria morrer. Queria fugir. Pretendia cavar um buraco no chão da adega e enterrá-la. Saltei sobre a cabeça que rolava, de um lado, pelo chão, enquanto o corpo tombava para o outro. Eu tinha comigo um saco de gesso pronto para ocultar o sangue. Agarrei, pois, a cabeça ou, antes, a cabeça me agarrou... Vejam!”

E mostrou a sua mão direita, cujo dedo polegar fora mutilado por uma dentada.

— Como! A cabeça agarrou-o! Que diabos nos está contando? — interrompeu o médico.

— Garanto que ela me mordeu com toda força, como podem ver. Digo que a cabeça decepada não queria me soltar. Eu a coloquei em cima do saco de gesso, encostei-me na parede com a mão esquerda, e procurei arrancá-la de mim com a direita. Mas ao cabo de alguns instantes, os dentes se abriram por si mesmos. Tirei a mão. Então, ouçam: talvez tenha sido loucura, mas a cabeça me

pareceu estar viva, com seus olhos arregalados. Eu os via perfeitamente, pois a vela estava em cima do barril, e, depois, os lábios se moveram... os lábios se mexeram e disseram: *"Miserável, eu era inocente!"*

Não sei que impressão esse depoimento causava nos demais. Quanto a mim, o suor caía-me em bagas pela testa.

— Ah, isso é demais! — exclamou o doutor. — Os olhos viraram-se para ti! A boca falou contigo!

— Ouça, Sr. doutor. Porque é médico, o senhor não acredita em nada, o que é natural. Mas eu lhe digo que a cabeça que está ali... entende-me? Digo-lhe que essa cabeça me disse: *"Miserável, eu era inocente! Eu era inocente!"* E a prova de que ela me disse isto é que eu queria fugir depois de ter matado Jeanne, não é mesmo? Mas, em vez de fugir, eu corri direto à casa do prefeito para me denunciar. Não é verdade, Sr. prefeito? Responda.

— Sim, Jacquemin — respondeu o Sr. Ledru com o tom da mais perfeita bondade. — Sim, é verdade.

— Examine essa cabeça, doutor — disse o comissário de polícia.

— Quando eu não estiver aqui. Quando eu não estiver aqui, por caridade! — exclamou Jacquemin.

— Por acaso tens medo que ela fale contigo agora, idiota? — disse o doutor, tomando a luz, e aproximando-se do saco de gesso.

— Sr. Ledru, pelo amor de Deus — disse Jacquemin —, diga-lhes que me mandem embora, eu lhe imploro!

— Senhores — disse o prefeito, fazendo um gesto que deteve o doutor —, nada mais há aqui que exija a presença desse desgraçado. Permitam-me mandá-lo para a cadeia. Quando a lei ordenou a confrontação, supus que o réu teria forças para suportá-la.

— Mas, e o termo de interrogatório... — disse o comissário.

— Está quase concluído.

— O réu deve assiná-lo.

— Assinará na cadeia.

— Sim! Sim! — exclamou Jacquemin. — Na cadeia assinarei tudo o que quiserem.

— Está bem! — disse o comissário.

— Soldados, levem este homem! — ordenou o Sr. Ledru.

— Obrigado, senhor Ledru, obrigado! — disse Jacquemin, com a expressão da mais profunda gratidão.

E, agarrando ele mesmo os soldados pelos braços, levou-os para fora com força sobre-humana.

Com esse homem desaparecia o drama. Na adega, restavam duas coisas terríveis de se ver: um corpo sem cabeça e uma cabeça sem corpo.

Inclinei-me para o Sr. Ledru:

— Senhor — disse-lhe —, permite-me que eu me retire, ficando, aliás, a seu dispor para a assinatura do termo?

— Sim, senhor. Mas com uma condição.

— Qual?

— Que venha assinar o termo em minha casa.

— Com todo prazer. Mas quando?

— Daqui a uma hora, aproximadamente. Eu mostrarei ao senhor a minha casa. Ela pertenceu a Scarron[6]. Será interessante.

— Em uma hora, senhor, estrei lá.

Cumprimentei-o, subi a escada e, do alto dela, volvi o último olhar.

O doutor Robert, com a mão na vela, afastava os cabelos da cabeça. Era a de uma mulher ainda bela, tanto quanto era possível julgá-lo, pois os olhos estavam fechados, os lábios contraídos e lívidos.

— O idiota do Jacquemin — disse. — Sustentar que uma cabeça cortada é capaz falar! A menos que tenha inventado isso para ser dado por louco. Não seria uma má jogada. Criaria uma circunstância atenuante...



A história que o leito acabou de ler abrange os três capítulos introdutórios de “Os mil e um fantasmas”, nos quais são tecidas as circunstâncias que permitem às personagens narradoras (dentre as quais o próprio Dumas, o prefeito Ledru e o ocultista Alliette) se encontrarem e contarem as suas histórias – mas aqui de horror sobrenatural –, à maneira do Decamerão. À minguia de um título geral, denominamos a narrativa, que em si mesma é um conto terrífico, de “A cabeça decepada”. Por motivos editoriais, suprimimos parte do capítulo inicial.



Et, de ce tas de fard et de monnaie qui s'appartient qu'aux fonctionnaires publics, il lui

A PERSISTÊNCIA DA VIDA APÓS A GUILHOTINA

I -Solange

– Eu acabava de sair da Abadia e atravessava a praça de Taranne para ir à rua de Tournon, onde morava – contou-nos o Sr. Ledru –, quando ouvi um grito de mulher pedindo socorro.

Não podiam ser malfeitores, pois ainda não seriam dez horas da noite. Corri para onde ouvira os gritos e, ao clarão da lua, que saía de uma nuvem, vi uma mulher a debater-se em meio a uma patrulha de *sans-culottes* [7].

A mulher também me viu e, percebendo pelos meus trajés que eu não era de todo um homem do povo, correu em minha direção, exclamando:

– Ah, felizmente aqui está o Sr. Albert, a quem conheço. Ele confirmará que eu sou realmente filha da lavadeira Ledieu.

E ao mesmo tempo a miserável, completamente pálida de trêmula, agarrou-se a mim como um naufrago à tábua de salvação.

– Ainda que sejas a filha da lavadeira Ledieu, não tens carta de civismo. Minha jovem, terás que me acompanhar ao corpo da guarda – disse um dos patrulheiros.

A moça apertou-me o braço. Senti quanta súplica, quanto terror havia naquele gesto. Compreendi tudo.

Como ela havia-me chamado pelo primeiro nome que lhe ocorrera, chamei-a pelo primeiro nome que me passou pela cabeça:

– Como! És tu, minha pobre Solange? – eu disse. – Então, o que te aconteceu?

– Ah, estão vendo, senhores? – tornou ela.

– Bem, parece-me que nos poderias chamar *cidadãos*.

– Ouça, senhor sargento: não é culpa minha se falo assim – disse a moça. – Minha mãe tinha fregueses da alta sociedade e ensinou-me a ser polida. De modo que adquiri esse mau costume, bem sei, esse costume da aristocracia. Mas – o que quer, senhor sargento? – não consigo perdê-lo.

Havia nessa resposta, dada com a voz trêmula, um imperceptível escárnio, que somente eu pude perceber. E perguntava a mim mesmo quem seria aquela mulher, o que era, aliás, um problema impossível de se resolver. O que, com certeza, fiquei sabendo foi que filha de lavadeira ela não era.

– Sabe o que me acontece, cidadão Albert? Eu fui levar a roupa lavada a uma freguesa e não a achei em casa; tive de esperar, para receber o meu dinheiro, que ela voltasse. Ora, hoje em dia todos têm necessidade de dinheiro. Anoiteceu. Como eu esperava voltar a casa com a luz do dia, não trouxe comigo a carta de civismo. Caí no meio desses senhores... perdão... desses cidadãos, que me pediram a carta. Eu lhes disse a verdade, mas eles quiseram levar-me ao corpo guarda. Gritei e o senhor acudiu, justamente um conhecido meu. Então, tranquilizei-me. Disse comigo: “Já que o Sr. Albert sabe que eu me chamo Solange, já que sabe que eu sou filha da lavadeira Ledieu, ele responderá por mim.” Não é mesmo, Sr. Albert?

– É claro que eu respondo por ela.

- Bem – disse o cabo da patrulha –, mas quem por ti responde, Sr. faceiro?
- Danton. Serve-te este? E ele é um bom patriota?
- Ah, se Danton responde por ti, nada há o que se dizer.
- Pois bem. Hoje é dia de reunião nas *Cordeliers*. Vamos ao clube.
- Vamos – disse o sargento. Cidadãos *sans culottes*, avance! Marchem!

O clube dos *Cordeliers* ficava no antigo convento dos franciscanos, na rua da Observance. Lá chegamos rapidamente. À porta, rasguei uma página de minha carteira, escrevi a lápis algumas palavras e entreguei o bilhete ao sargento, para que o levasse a Danton. O sargento entrou no clube e voltou com Danton.

– Como! – disse-me ele. – Então te prenderam? A ti, meu amigo e de Camille! Um dos melhores republicanos que existem! Ora, cidadão sargento – acrescentou, voltando-se para o chefe dos *sans culottes* –, respondendo por ele. Isto te é bastante?

– Respondeste por ele. Mas respondeste, também, por ela? – indagou o obstinado sargento.

– Por ela? De quem estás falando?

– Ora, dessa mulher!

– Por ele, por ela, por todos quantos os cercam. Estás satisfeito?

– Sim – disse o sargento. – E mais ainda por te ter visto.

– Ora, esta satisfação pouco te custa. Olha para mim a teu gosto enquanto aqui estou.

– Obrigado. Continua a sustentar, como fazes, os interesses do povo e, tenhas certeza, o povo te será agradecido.

– Sim! E eu conto muitíssimo com isso – disse Danton.

– Permite-me que eu te aperte a mão? – prosseguiu o sargento.

– Por que não? E Danton deu-lhe a mão.

– Viva Danton! – bradou o sargento.

– Viva Danton! – repetiu a patrulha.

E a patrulha retirou-se, conduzida pelo seu chefe que, a dez passos dali, voltou-se e, agitando o barrete vermelho, gritou mais uma vez “Viva Danton!”, grito que foi pelos seus repetido.

Eu já ia agradecer a Danton quando o seu nome, repetido mil vezes no interior do clube, foi por nós ouvido.

– Danton! Danton! – gritavam inúmeras vozes. – À tribuna!

– Desculpa-me, meu caro – disse ele. – Estás ouvindo. Apertemo-nos as mãos e nos separemos. Dei a mão direita ao sargento; a ti, dou a direita. Quem sabe se o digno patriota não está com sarnas?

E dando-nos as costas:

– Já vou! – disse com aquela voz poderosa que agitava e acalmava as tempestades das ruas. – Já vou! Esperem por mim!

E entrou no clube.

Fiquei sozinho à porta com a minha desconhecida.

– Agora, senhorita – disse-lhe –, diga-me onde quer que eu a leve. Estou às suas ordens.

– Ora, para a casa da lavadeira Ledieu – respondeu-me, rindo. – Não

sabe que ela é a minha mãe?

– E onde mora a Sra. Ledieu?

– Na rua Ferou nº 24.

– Pois vamos à casa da Sra. Ledieu, rua Ferrou nº 24.

E pusemo-nos a caminho.

Descemos a rua Fosses-Monsieur-le-Prince, ganhamos a Rua Fosses-Saint-Germain e, depois, a rua do Petit-Lion. Chegamos à praça Saint-Sulpice, e, em seguida, à rua Ferou.

Em todo trajeto, não trocamos palavra. Somente aos raios da lua, que brilhava com todo o seu esplendor, pude examiná-la com vagar.

Era uma encantadora moça de vinte a vinte e dois anos, morena, com grandes olhos azuis mais espirituosos que melancólicos, nariz fino e reto, lábios zombeteiros, dentes como pérolas, mãos de rainha e pés de menina. Tendo tudo isto, conservava, sob os vulgares trajes da filha da lavadeira Ledieu, um tom aristocrático que, com justa razão, despertara a desconfiança do valente sargento e da sua belicosa patrulha.

Paramos ao chegar à porta e olhamos, em silêncio, um para o outro.

– Então, o que deseja de mim, meu caro Sr. Albert? – disse-me, sorrindo, a desconhecida.

– Eu queria lhe dizer, minha cara senhorita Solange, que não valia a pena de nos termos encontrado para tão depressa nos separarmos.

– Ora, peço-lhe um milhão de desculpas. Pois acho que, muito pelo contrário, valia bem a pena, porque, se não o tivesse encontrado, eu teria sido levada ao corpo da guarda e, verificando eles que eu não era filha da lavadeira Ledieu, teriam descoberto que eu era uma aristocrata e, muito provavelmente, teriam cortado a minha cabeça.

– Então confessa que é uma aristocrata?

– Não confesso nada.

– Então ao menos diga-me o seu nome.

– Solange.

– Bem se vê que esse nome, que ao acaso eu lhe atribuí, não pode ser o seu.

– Não faz mal. Gosto dele. E conservo-o, ao menos para o senhor.

– Que necessidade há de conservá-lo para mim, se nós não nos veremos mais?

– Não foi isso que eu disse. Falei, apenas, que, se nos tornarmos a ver, será inútil ao senhor saber como me chamo, assim como eu saber como o senhor se chama. Eu o chamei de Albert. Conserve esse nome, assim como eu conservo o de Solange.

– Está bem! Mas ouça, Solange... – disse-lhe.

– Estou ouvindo, Albert – ela me respondeu.

– É uma aristocrata. Confesse!

– Se eu não confessasse, o senhor adivinharia. A minha confissão perde, pois, muito de seu mérito.

– E, na qualidade de aristocrata, está proscrita.

– Isto não é de todo inexato.

- E se oculta para evitar perseguições...
- Na rua Ferrou nº 24, na casa da lavadeira Ledieu, cujo marido foi cocheiro do meu pai. Bem se vê que não tenho segredos para o senhor.
- E seu pai?
- Quanto aos que são somente meus, não tenho segredos para o senhor, meu caro Albert. Porém, os meus segredos não são os do meu pai. Meu pai também está escondido até achar uma ocasião de emigrar. É só o que posso dizer.
- E a senhorita, o que pretende fazer?
- Acompanhar o meu pai, se for possível. Se for impossível, deixá-lo partir sozinho e depois segui-lo.
- E hoje, quando foi presa, voltava da casa de seu pai?
- Sim.
- Ouça-me, querida Solange.
- Estou ouvindo.
- Viu o que aconteceu esta noite.
- Sim. E pude verificar a medida de sua influência.
- Infelizmente, minha influência não é grande. Todavia, tenho alguns amigos.
- E nesta noite conheci um deles.
- E a senhorita bem sabe que ele não é dos homens menos importantes da época.
- Pretende empregar a sua influência para facilitar a fuga de meu pai?
- Não. Reservo-a para a senhorita.
- E para o meu pai?
- Para seu pai, tenho outro meio.
- Tem outro meio! – exclamou Solange, tomando-me a mãos e olhando para mim com ansiedade.
- Se eu salvar seu pai, conservará uma boa lembrança de mim?
- Serei grata ao senhor por toda a vida.
- E preferiu essas palavras com adorável inflexão de antecipada gratidão. Depois, olhando para mim, suplicante, disse:
- Mas isso lhe será suficiente?
- Sim – respondi.
- Oh, eu não estava enganada! O senhor tem um nobre coração. Agradeço-lhe em meu nome e em nome do meu pai. E mesmo que não tenhamos sucesso, ainda assim sou agradecida pelo que o senhor já fez.
- E quando nos veremos novamente, Solange?
- Quando o senhor precisa encontrar-me?
- Espero, amanhã, dar-lhe uma boa notícia.
- Então, vemo-nos amanhã.
- Onde?
- Aqui, se quiser.
- Aqui, na rua?
- Sim, aqui. Bem se vê que é o lugar mais seguro. Estamos a conversar há meia hora, junto a esta porta, e ninguém passou.
- Por que não vou à sua casa? Ou a senhorita não vem à minha?

– Porque, se o senhor vier à minha casa, comprometo a boa gente que me dá asilo. Se eu for à sua, comprometo o senhor.

– Então, está bem. Pegarei a carta de civismo de uma das minhas parentes para a senhorita.

– Para que guilhotinem a sua parente, caso me prendam.

– Tem razão. Conseguirei uma carta com o nome de Solange.

– Muito bem. Verá que Solange terminará sendo o meu verdadeiro nome.

– À que horas nos veremos?

– À mesma em que hoje nos encontramos.

– Certo. Às dez horas. Mas, como nos reuniremos?

– Nada mais simples: às cinco para dez, o senhor estará na porta. Às dez, eu descerei.

– Então, até amanhã, às dez horas, querida Solange.

– Amanhã, às dez horas, querido Albert.

Quis beijar-lhe a mão; ela me ofereceu a fronte.

No dia seguinte, às nove e meia, eu estava na rua. Às quinze para as dez, Solange abria a porta. Cada um de nós comparecera ao encontro antes da hora marcada.

Aproximei-me rapidamente.

– Vejo que me traz boas notícias – disse ela, sorrindo.

– Excelentes: primeiro, aqui está a sua carta.

– Falemos primeiro de meu pai.

– Seu pai estará salvo, se quiser.

– Se quiser, diz o senhor. Então o que deverá fazer?

– É preciso que confie em mim.

– Isto já está feito.

– A senhorita o visitou?

– Sim.

– Então quis se expor deliberadamente?

– O que fazer? Era necessário. Porém, Deus nos protege.

– E disse tudo ao seu pai?

– Disse que o senhor havia salvado a minha vida e que talvez, amanhã, salvasse a dele.

– Amanhã, sim. Justamente amanhã, se ele quiser.

– Como será, então? Diga, fale! Que admirável encontro será este se tudo isso se realizar.

– Somente... – disse, hesitando.

– Então o quê?

– A senhorita não pode acompanhá-lo.

– Oh, quanto a esse respeito, a minha decisão já está tomada!

– Depois, tenho certeza que conseguirei um passaporte para você.

– Falemos primeiro de meu pai. De mim, falamos depois.

– Pois bem. Eu lhe disse que tenho alguns amigos, não foi?

– Disse.

– Hoje mesmo fui visitar um deles.

– E então?

– Um homem a quem a senhorita há de conhecer de nome e este nome é uma garantia de coragem, de honra e lealdade.

– Qual é esse nome?

– Marceau.

– O general Marceau[8]!

– Ele próprio.

– Tem razão. Se ele prometeu, cumprirá a promessa.

– Prometeu.

– Oh, quanta alegria eu lhe devo. Vejamos, o que ele lhe prometeu? Diga!

– Prometeu servir-nos.

– Mas como?

– Do modo mais simples. Kléber[9] acabou de nomeá-lo general em chefe do exército do Oeste. Ele parte amanhã à tarde.

– Amanhã à tarde... Não temos tempo de preparar coisa alguma.

– Mas nada há o que preparar.

– Não estou entendendo...

– O general lavará consigo o seu pai.

– Meu pai?

– Como secretário. Chegando a Vendeia[10], seu pai há de obrigar-se para com Maceau a nunca servir contra a França e numa noite irá fugir para algum acampamento de vendeanos, daí irá à Bretanha e de lá embarcará para a Inglaterra. Quando se achar em Londres, mandará notícias. Conseguirei um passaporte para a senhorita, que irá encontrá-lo lá.

– Amanhã! – exclamou Solange. – Meu pai partirá amanhã!

– Mas não há tempo a perder.

– Meu pai não está ciente de nada.

– Conte-lhe tudo.

– Agora!

– Sim, agora!

– Mas como, a estas horas?

– A senhorita tem uma carta de civismo e eis aqui o meu braço.

– Tem razão. Dê-me a carta.

Entreguei o documento a ela, que o meteu na bolsa.

– Agora, dê-me o seu braço. E vamos.

Descemos até a praça Taranne, onde na véspera eu a havia encontrado.

– Espere-me aqui – disse-me.

Assenti com uma mesura e esperei.

Ela desapareceu na esquina do antigo palácio Matignon. Depois, ao fim de quinze minutos, voltou.

– Venha – disse ela. – Meu pai deseja vê-lo e agradecer-lhe.

Ela tomou o meu braço e me conduziu à rua de Saint-Guillaume, em frente ao palácio Mortemart.

Ali chegando, tirou do bolso uma chave, abriu uma portinhola, deu-me a

mão, levou-me ao segundo andar e bateu de um modo especial. Um homem de quarenta e oito para cinquenta anos abriu a porta.

Estava vestido como um oficial mecânico e parecia exercer o ofício de encadernador. Mas logo às primeiras palavras que me disse, aos agradecimentos que me dirigiu, o fidalgo se revelara.

– Senhor – disse-me ele –, a Providência o pôs em nosso caminho e como enviado da Providência eu o recebo. Será verdade que pode e, especialmente, que quer me salvar?

Contei tudo a ele. Disse-lhe como Marceu se encarregara de levá-lo na qualidade de secretário e só lhe pedia a sua promessa de não se armar contra a França.

– Faça essa promessa espontaneamente e a repetirei.

– Agradeço-lhe em nome do general e do meu.

– E quando parte o general?

– Amanhã.

– Deverei ir para a casa dele este noite?

– Quando lhe aprover. Ele já o espera.

O pai e a filha se entreolharam.

– Acho que seria mais prudente que o senhor fosse hoje mesmo, meu pai – disse Solange.

– Sim. Mas, se me agarrarem, não tenho carta de civismo.

– Aqui está a minha.

– E o senhor?

– Eu sou conhecido.

– Onde Marceu mora?

– Na rua da Universidade nº 40, na casa de sua irmã, senhora Desgraviers-

Marceu.

– O senhor nos acompanha?

– Eu os seguirei de longe. Escoltarei a senhorita, quando chegarmos.

– E como Marceu saberá que sou o homem de quem o senhor falou?

– Entregue-lhe esta roseta tricolor[11]. É o sinal combinado.

– Como lhe mostrarei a minha gratidão?

– Entregando-me a salvação de sua filha, como ela me entregou a sua.

– Vamos.

Ele pôs o chapéu e apagou as luzes. Descemos ao clarão da lua que se infiltrava pelas janelas da escada.

Na porta, ele deu o braço à filha, tomou à direita e, pela rua dos Santos Padres, foi ter à rua da Universidade.

Acompanhei-os sempre a uma distância de dez passos.

Chegamos ao nº 40 sem ter encontrado ninguém no caminho.

Aproximei-me deles.

– É um bom sinal – disse. – Agora, quer que espere ou que suba?

– Não. Não se comprometa mais. Espere aqui por minha filha.

Inclinei-me, numa mesura.

– Mais uma vez – disse ele –, muito obrigado e adeus. A língua não tem palavras que traduzam os sentimentos que lhe dedico. Espere que Deus um dia me faculte a oportunidade de manifestar-lhe toda a minha gratidão.

Respondi apertando-lhe a mão.

Entrou. Solange o acompanhou. Mas, antes de entrar, também apertou-me a mão.

Após dez minutos, a porta se abriu novamente.

– Então? – disse-lhe.

– O seu amigo – respondeu-me Solange – é decerto digno de ser seu amigo. Quero dizer que tem todas as delicadezas. Compreende que eu ficaria feliz se ficasse com o meu pai até o momento de sua partida. A irmã do general mandou fazer-me uma cama no seu quarto. Amanhã, às três horas da tarde, meu pai estará fora de perigo. Amanhã, às dez da noite, como hoje, se o senhor entender que a gratidão de uma filha que lhe deve a salvação de seu pai vale a pena de o incomodar, vá procura-la à rua Ferou.

– Decerto irei. Mas o seu pai nada disse para mim?

– Nesta carta, que lhe dou, ele lhe agradece pelo que fez, e lhe pede que, quanto o mais depressa puder, faça-me sair da França.

– Há de ser quando a senhorita quiser – respondi com o coração constrito.

– Ao menos, gostaria de saber onde irei encontrar-me com o meu pai – respondeu, sorrindo-me. E prosseguiu:

– Oh, o senhor ainda não está livre de mim!

Tomei a sua mão e a apertei de encontro ao peito. Exibindo-me a testa, como fizera na noite anterior, disse-me:

– Até amanhã.

E, aplicando os meus lábios sobre a sua testa, não foi só a sua mão que estreitei em meu coração, mas também o seu coração palpitante.

Voltei à casa com o coração mais satisfeito do que nunca. Seria pela boa ação que eu acabara de praticar? Seria porque já amava aquela adorável moça?

Não sei se dormi ou se fiquei acordado. Sei que em mim ecoavam todas as harmonias da natureza; sei que a noite me pareceu sem fim e o dia imenso; sei que, ao mesmo tempo, desejando precipitar as horas, desejava demorá-las para não perder um só minuto dos dias que ainda teria que viver.

No dia seguinte, às nove horas, eu já estava na rua Ferou.

Às nove e meia, Solange apareceu. Dirigiu-se a mim e apertou-me nos seus braços.

– Salvo! – exclamou. – O meu pai está salvo e devo ao senhor a sua salvação! Oh, como eu o amo!

Dai a quinze dias Solange recebeu uma carta anunciando-lhe que o seu pai estava na Inglaterra.

No dia seguinte, levei-lhe um passaporte. Recebendo-o, Solange desfez-se em prantos.

– Então o senhor não me ama! – disse.

– Amo-a mais que a vida – respondi. – Porém, obriguei-me para com o seu pai, e antes de tudo cumpre desempenhar a minha palavra.

– Então – disse ela –, faltarei eu à minha. Se tem coragem de separar-se de mim, Albert, eu não tenho a de deixá-lo.

Ai de mim! Ela ficou.



Kaluga.

II-Albert

Passaram-se três meses desde a noite em que tratamos da viagem de Solange. E, nesse período, nem uma só palavra de separação havia sido proferida.

Solange queria morar na rua Taranne. Aluguei para ela um aposento sob o nome de Solange. Eu não lhe conhecia outro nome que não este, assim como ela somente me conhecia por Albert. Eu a fiz entrar num colégio de meninas, como professora, para assim melhor subtraí-la às investigações da policia revolucionária, mais ativa do que nunca.

Aos domingos e às quintas-feiras passávamos juntos nesse aposento na rua Taranne. Da janela do quarto de dormir, víamos a praça em que pela primeira vez nos tínhamos encontrado.

Cada dia recebíamos uma carta: a dela dirigida a Albert; a minha, a Solange.

Esses três meses foram os mais felizes de minha vida.

Entretanto, eu não tinha renunciado ao projeto que havia concebido depois de minha conversa com o criado do verdugo. Tinha pedido licença para fazer experiências sobre a persistência da vida após a execução. Estas experiências me demonstraram que a dor continuava após o suplício na guilhotina, e que tal dor deveria ser terrível.

Não se pode negar que a lâmina fere a parte mais sensível de nosso corpo, por ser a em que se acham reunidos os nervos. No pescoço, enfeixam-se todos os nervos dos membros superiores: o simpático, o vago, o frênio, enfim, a medula espinhal, que é a origem mesma dos nervos que pertencem aos membros inferiores. Ninguém negará que o quebrar, o esmigalhar da coluna vertebral óssea deva produzir dores mais atrozes que é possível à criatura humana sofrer.

Alguns dirão que essa dor dura apenas alguns segundos.

Mas eu nego essa hipótese, com profunda convicção. E mesmo que tal dor dure apenas alguns segundos, a *sensibilidade*, a *personalidade*, e *eu* permanecem vivos. A cabeça decepada vê, sente, compreende e julga a segregação do seu ser. E quem dirá se a curta duração do sofrimento pode compensar a sua horrível intensidade[12]?

Assim, compreendo que o decreto da assembleia, que substituiu a força pela guilhotina, foi um erro humanitário. Creio que é mais doloroso ser decapitado do que enforcado. Quanto a isto, não tenho dúvida. Muita gente se enforcou ou foi enforcada e depois foi restituída à vida. Neste caso, pois, pode-se saber o que se sofre. É a sensação da apoplexia fulminante, ou seja, a de um sono profundo sem dor alguma especial, sem o menor sentimento de angústia.

Algo como uma chama salta diante dos olhos e logo toma a cor azulada e logo escurece. E, então, cai-se em uma síncope. Qualquer médico, como eu, sabe disto. O homem cujo cérebro é comprimido com o dedo em algum ponto em que falta o pedaço de crânio não sofre dor alguma. Adormece. Pois dá-se o mesmo fenômeno quando o cérebro é comprimido por uma erupção de sangue. Ora, no enforcado o sangue amontoa-se. Primeiro porque entra no cérebro pelas artérias vertebrais que, atravessando os canais ósseos do pescoço, não podem ser comprimidas. Em seguida porque, tendendo a refluir pelas veias do pescoço, acha-se impedido pela articulação que liga o pescoço e as veias.

Mas voltemos às minhas experiências.

Infelizmente, não me faltava em que fazê-las.

Estávamos no período mais ativo das execuções: trinta a quarenta pessoas eram guilhotinadas por dia e tanto sangue cobria a praça da Revolução que se fizera necessário escavar um fosso, de três pés de profundidade, em torno do cadafalso. Esse fosso era coberto de tábuas. Certo dia, essa tábua cedeu quando sobre ela passava uma criança de oito ou dez anos. Ela caiu e afogou-se.

Bem percebem que eu tinha todo o cuidado em não dizer a Solange como eu ocupava o meu tempo nos dias em que não a via. Além disso, devo confessar que tinha a princípio sentido uma forte repugnância por aqueles míseros destroços humanos, e que me horrorizava com a lembrança das dores que minhas experiências talvez acrescentassem ao suplício. Eu estava convencido, porém, de que esses meus estudos eram ditados pelo desejo de ser útil a toda humanidade, pois se conseguisse levar as minhas convicções a uma reunião de legisladores, talvez obtivesse a abolição da pena de morte.

À medida que as minhas experiências iam dando resultados, eu os registrava em um relatório.

Ao fim de dois meses, eu tinha feito todas as possíveis experiências acerca da persistência da vida após a execução. Resolvi levá-las ainda mais longe, se fosse possível, por meio do galvanismo e da eletricidade.

Entregaram-me o cemitério de Clamart e puseram à minha disposição todas as cabeças e corpos dos executados. Haviam transformado uma capelinha, a um canto do cemitério, em laboratório. Sabe-se que, depois que os reis foram expulsos de seus palácios, também foi Deus expulsos de suas igrejas.

Nesse laboratório eu tinha uma máquina elétrica e três ou quatro desses instrumentos a que se chamam *excitadores*.

Por volta das cinco horas chegava o terrível funeral: os corpos vinham atirados num carro, as cabeças dentro de um saco. Ao acaso, eu escolhia uma ou duas cabeças e um ou dois corpos. Tudo mais era atirado numa vala.

No dia seguinte, as cabeças e os corpos em que eu havia feito as experiências eram enterrados com os novos cadáveres desse dia. Quase sempre o meu irmão ajudava-me nessas experiências.

Entrementes a estes contatos com a morte, o meu amor por Solange aumentava dia a dia e, quanto a ela, a mísera menina amava-me com todas as forças de seu coração.

Muitas vezes pensara em casar-me com ela, muitas vezes tínhamos calculado a felicidade que esta união nos traria. Mas para casar-se comigo, seria necessário que Solange declarasse o seu nome de família. Mas esse nome era o nome de um emigrado, de um aristocrata, de um proscrito: a sua sentença de morte.

Seu pai por diversas vezes lhe havia escrito para apressar a sua partida. Ela, porém, revelou-lhe a nossa paixão e pediu seu consentimento para o nosso casamento. Ele o concedeu. Portanto, quanto a isso, tudo corria bem.

Todavia, entre todos aqueles terríveis julgamentos, eu ainda mais terrível nos entristeceu a ambos: o da rainha Maria Antonieta.

Instaurado no dia 4 de outubro, esse processo tramitou celeremente: no dia 14 ela já comparecera diante do tribunal revolucionário; no dia 16, às quatro horas da manhã, havia sido condenada; no mesmo dia, às onze horas, subira ao cadafalso.

De manhã, eu havia recebido uma carta de Solange. Dizia-me que não queria passar esse dia sem me ver. Cheguei às duas horas ao nosso pequeno aposento da rua Taranne e a encontrei desfeita em prantos. Eu também estava profundamente abalado com aquela execução. Em minha infância, a rainha havia sido tão boa para comigo que eu conservava uma profunda recordação daquela bondade.

Oh, sempre hei de me lembrar daquele dia. Era uma quarta-feira. Havia em Paris mais do que tristeza: havia terror.

Eu estava entregue a um singular desânimo, como um pressentimento de uma grande desgraça. Havia procurado dar força e ânimo a Solange, que chorava, caída em meus braços. Mas faltavam-me palavras de conforto, porque o consolo não estava em meu coração.

Como de costume, passamos a noite juntos. E essa noite foi ainda mais triste do que o dia. Lembro-me de que um cão, trancado no aposento sob o nosso, uivou até as duas horas da madrugada.

No dia seguinte, soubemos por quê. O seu dono havia saído, levando a chave consigo. Na rua, fora preso e levado ao tribunal revolucionário. Condenado às três horas da tarde, fora executado às quatro.

Urgia que nos separássemos. As aulas de Solange começavam às nove horas da manhã. Seu colégio era próximo ao Jardim das Plantas. Hesitei muito tempo em deixá-la partir. Ela mesma relutava em me abandonar. Mas ficar dois dias fora do colégio era expor-se às investigações, estas sempre nocivas em sua situação.

Chamei um coche e a levei até a esquina da rua dos Fossés-Saint-Bernard,

onde apeei, para que ela seguisse sozinha ao internato. Em todo o caminho, tínhamos ficado abraçados, sem proferir uma só palavra, confundindo as nossas lágrimas, que escorriam até os nossos lábios, mesclando a sua amargura à doçura de nossos beijos.

Desci do carro, mas, em vez de retirar-me, fiquei como que grudado no mesmo lugar, para ver por mais tempo o coche que a levava. Vinte passos adiante, o carro parou e Solange passou a cabeça pela portinhola, como se adivinhasse que eu ainda me encontrava ali. Corri para ela. Entrei no coche, fechei-o e a apertei novamente nos braços. Mas davam nove horas em Saint-Étienne-du-Mont. Enxuguei as suas lágrimas, selei os seus lábios com um triplice beijo e, saltando, afastei-me correndo.

Pareceu-me que Solange me chamava novamente. Mas todas essas lágrimas, todas essas hesitações podiam chamar atenção. Tive a fatal coragem de não me voltar.

Entre em casa desesperado. Passei o dia todo escrevendo a Solange. À noite, enviei-lhe um volume.

Acabava de levar a minha carta ao correio, quando recebi uma dela.

Tinham-na repreendido. Havia-na multiplicado de perguntas. Ameaçaram-na de privá-la de sua próxima saída.

Tal saída seria no domingo seguinte. Solange, porém, jurara-me que iria encontrar-se comigo, ainda que fosse necessário romper com a diretora do internato.

Eu também jurei. Parecia-me que, se ficasse sete dias sem vê-la, o que aconteceria se ela perdesse a saída de domingo, eu enlouqueceria.

Ainda mais porque Solange manifestava alguma inquietação: uma carta que achara no colégio, ao lá retornar, enviada por seu pai, parecia-lhe ter sido violada

Passei uma péssima noite e pior ainda foi o dia seguinte. Como de costume, escrevi a Solange e, como era meu dia de experiências, por volta das dez horas passei pela casa de meu irmão a fim de levá-lo comigo a Clamart.

Não o achei em casa. Fui sozinho.

O tempo estava horrível. A natureza aflita dissolvia-se em chuva, uma chuva fria e torrencial que anuncia o inverno. Em toda a extensão de meu caminho, eu ouvia os pregoeiros públicos berrarem, com voz rouquenha, a lista dos condenados desse dia. Era longa. Havia homens, mulheres e crianças. A sanguinolenta ceifa era abundante e não haveria de me faltar, naquela tarde, objeto de estudo.

Os dias terminavam cedo. Às quatro horas, quando cheguei a Clamat, era quase noite.

O aspecto desse cemitério, com as suas vastas sepulturas recém-revolvidas, com as suas árvores escassas, ressonando com o soprar dos ventos

como esqueletos, era assustador e quase hediondo.

Tudo o que não era terra revolvida era relva, cardos e urtigas. A cada dia, a terra revolvida invadia ainda mais a área verde.

Em meio a todas essas intumescências do terreno, a vala do dia estava aberta, e aguardava a sua presa. Haviam previsto um incremento no número dos supliciados, pois essa vala era maior do que costumava ser.

Dirigi-me a ela maquinalmente. O fundo estava cheio d'água. Quão miseráveis não eram os corpos nus e frios que seriam lançados naquela água, tão gélida quanto eles!

Ao aproximar-me da vala, escorreguei, e quase caí. Os meus cabelos se eriçaram. Eu estava molhado e com frio. Neste estado, cheguei ao meu laboratório.

Era, como disse, uma antiga capela. Procurei com os olhos... por que procurava, não sei... Procurei com os olhos se, na parede, ou no que teria sido o altar, restava algum sinal de culto: as paredes estavam nuas; o que fora altar, completamente demolido. No lugar em que estivera o tabernáculo (isto é, Deus, a vida), havia uma caveira (isto é, a morte, o nada).

Acendi a minha vela, colocando-a sobre a minha mesa de trabalho, toda coberta de instrumentos de formato estranho, por mim mesmo inventados, e sentei-me, pensando... em quê? Naquela pobre rainha que eu vira tão bela, tão feliz, tão querida; que na véspera, perseguida pelas imprecações de mil fúrias tinha sido levada ao patíbulo em uma carroça e que nesse momento, com a cabeça separada do corpo, dormia na vala dos indigentes, ela que havia dormido sobre os dourados tetos de Versalhes e de Saint-Cloud.

Enquanto eu mergulhava nessas sinistras reflexões, a chuva recrudescia, o vento dobrava de intensidade, soltando os seus lúgubres uivos por entre os galhos das árvores e as hastes das ervas, que crepitavam.

Logo esse barulho confundiu-se com um lúgubre troar. Mas, ao invés de roncicar nas nuvens, esse trovão vinha da terra e a fazia estremecer.

Era o estrépito da carroça vermelha, que vinha da praça da Revolução e entrava no cemitério de Clamart.

A porta da capelinha se abriu e dois homens, completamente molhados, entraram, trazendo um saco.

Um desses era o mesmo Legros, a quem eu visitara na cadeia, e o outro era um coveiro.

– Aqui tem, senhor Ledru – disse-me o criado do carrasco. – Não é preciso que o senhor se apresse esta noite. Deixaremos toda essa mixórdia para o senhor. Amanhã faremos o enterro. Oh, os cadáveres não irão gripar por passarem uma noite ao sereno!

E, com uma hedionda risada, estes dois assalariados da morte puseram o seu saco a um canto, junto ao antigo altar, à minha esquerda.

Depois saíram sem fechar a porta, que se pôs a bater, compassadamente, na moldura, deixando passar baforadas de vento que faziam vacilar a chama da vela, a qual subia lívida, moribunda, pelo pavio enegrecido.

Eu os ouvi desatrelar os cavalos da carroça, fechar o cemitério e partir, abandonando a carroça repleta de cadáveres.

Eu sentia uma grande vontade de ir-me com eles. Mas não sei o que me prendia àquele lugar, embora estremecesse todo. Certamente, não era de medo. Mas o ruído daquele vento, o crepitar daquela chuva, o gemer das árvores que se retorciam, o sibilar do temporal que fazia tremer a luz de minha vela, tudo isso vibrava em minha mente o vago pavor que, a partir da úmida raiz dos meus cabelos, disseminava-se por todo o meu corpo.

De súbito, pareceu-me que uma voz, ao mesmo tempo doce e lastimosa, saía do âmago da capelinha e pronunciava o nome de Albert.

Oh, dessa vez estremeci. Albert! Somente uma pessoa no mundo me chamava assim.

Meus olhos alucinados percorreram lentamente a capelinha – cujo recinto, embora limitadíssimo, não podia ser completamente iluminado por minha vela – e pararam sobre o saco encostado ao canto do altar: o tecido ensanguentado denunciava o seu fúnebre conteúdo.

No momento em que os meus olhos se detiveram nesse saco, a mesma voz, porém mais débil e lastimosa, repetiu:

– Albert!

Ergui-me, gelado de pavor. Aquela voz parecia sair do interior do saco.

Apalpei-me para ver se dormia ou se estava acordado. Depois, rígido, caminhando como um homem pétreo, com os braços estendidos, dirigi-me para o saco e nele mergulhei uma das mãos.

Pareceu-me então que lábios ainda quentes encostavam-se na minha mão.

Eu estava nesse grau de terror em que o excesso desse mesmo terror infunde-nos a coragem. Segurei essa cabeça e, voltando para a minha cadeira, em que caí sentado, coloquei-a sobre a mesa.

Oh, soltei um terrível grito!

Aquela cabeça, cujos lábios pareciam ainda quentes, cujos olhos estavam entreabertos, era a cabeça de Solange.

Julguei estar louco. Gritei, três vezes:

– Solange! Solange! Solange!

Ao terceiro grito, os olhos abriram-se, fixaram-se em mim, deixaram cair duas lágrimas e, lançando uma chama úmida, como se deles escapasse a alma, fecharam-se para não mais se abrirem.

Levantei-me louco, perdido, furioso. Queria fugir. Mas, levantando-me, prendi na mesa a aba da casaca. A mesa caiu, fazendo com que a vela se apagasse. A cabeça rolou pelo chão, arrastando-me também. Então pareceu-me

que aquela cabeça, deslizando pelo declive das lajes, vinha em minha direção. Seus lábios encostaram-se aos meus. Um glacial calafrio percorreu todo o meu corpo. Soltei um gemido e desmaiei.

No dia seguinte, às seis horas da manhã, os coveiros encontraram-me tão frio quanto a laje em que eu caíra desfalecido.

Solange, denunciada pela carta do pai, tinha sido presa, condenada e executada no mesmo dia.

E aquela cabeça que havia falado comigo, aqueles olhos que haviam me fitado, aqueles lábios que haviam beijado os meus lábios eram mesmo os lábios, os olhos e a cabeça de Solange.



“A persistência da vida após a Guilhotina” é o título geral que atribuímos aos capítulos VI e VII de “Os mil e um fantasmas”. Fizemos uma breve adaptação estrutural.



Je jetais un cri terrible. Cette tête, dont les livres renchaient toutes autres,
c'était la tête de Solange.

O BRACELETE DE CABELOS CADAVERÍCOS

Eu ia de Estrasburgo às caldas de Louesche e passava por Basileia – dizia-nos o Sr. Alliette –, onde devia largar o coche público e alugar uma carruagem.

Chegando ao Hotel da Coroa, que me haviam recomendado, procurei uma carruagem e pedi ao dono do hotel que procurasse saber se alguém da cidade queria fazer a mesma viagem que eu. Nesse caso, incumbi-lhe propor a essa pessoa uma associação que tornaria menos dispendiosa e agradável a viagem.

À noite, ele voltou, tendo achado o que lhe havia eu pedido. A mulher de um comerciante, que acabava de perder um filhinho de três meses, a quem ela própria amamentava, tinha, em consequência dessa perda, adoecido, e haviam-lhe aconselhado as caldas de Louesche. Era seu primeiro filho e estava casada havia um ano.

Muito lhe tinha custado resolver-se a separar-se de seu marido. Venceram-na, porém, as exigências da sua saúde, que a obrigavam a ir às caldas, e as necessidades do comércio, que exigiam a presença do marido em Basileia. Partiu, pois, comigo no dia seguinte, acompanhada só por uma criada.

Um padre católico, cura de uma aldeola vizinha, tomou o quarto lugar.

No dia seguinte, pelas oito horas da manhã, a carruagem veio receber-me. O padre já se achava nela. Entrei, e fomos receber a senhora e sua criada.

Do interior da carruagem assistimos à despedida do casal que, começada no interior da casa, continuou na loja e só acabou na rua. Sem dúvida tinha a mulher algum pressentimento, pois não podia consolar-se. Parecia que, em vez de partir para uma viagem de cinquenta léguas, partia para dar a volta ao mundo.

O marido parecia mais calmo do que ela. Todavia, estava mais taciturno do seria razoável em uma separação como aquela.

Partimos, por fim.

Eu e o padre tínhamos cedido os dois melhores lugares à senhora e à sua criada; estávamos, pois, na frente, e elas no fundo.

Tomamos a estrada de Soleure, e no primeiro dia fomos dormir em Mundischwyll. Durante todo o dia, a nossa companheira havia-se mostrado inquieta e atormentada. À noite, vendo um coche que voltava para Basileia, queria tomá-lo e retornar para casa. Sua criada conseguiu convencê-la a continuar a viagem.

No dia seguinte, pusemo-nos a caminho pelas nove horas da manhã. A jornada seria pequena, pois só devíamos ir a Soleure.

Pela tarde, quando íamos avistando a cidade, a nossa enferma estremeceu.

– Ah! – disse. – Pare! Estão nos perseguindo!

Inclinando-me, olhei por fora da portinhola.

– A senhora está enganada – disse. – A estrada está perfeitamente desocupada.

– É estranho – insistiu. – Estou ouvindo o galope de um cavalo.

Julguei não ter olhado bem. Debrucei-me mais para fora da carruagem.

– Ninguém, senhora – disse-lhe.

Ela mesma quis olhar e viu, como eu, que a estrada estava deserta.

– Eu me enganei – disse-me ela, recostando-se no fundo da carruagem e fechando os olhos, como uma mulher deseja concentrar em si mesma toda a sua reflexão.

Pusemo-nos a caminho na manhã seguinte, bem cedo, pois devíamos ir a Berna. À mesma hora que na véspera – isto é, pela volta das cinco horas –, nossa companheira saiu da sonolência em que estava sepultada e, estendendo os braços para o cocheiro, exclamou:

– Pare! Desta vez eu estou certa que alguém está nos perseguindo.

– Está enganada, senhora – respondeu esse homem. – Só vejo três camponeses que acabam de cruzar-se conosco, e que vão seguindo o seu caminho.

– Ora, estou ouvindo o galope de um cavalo!

Essas palavras eram proferidas com tanta convicção que não pude deixar de olhar para trás da carruagem.

Como na véspera, a estrada estava de todo deserta.

– É impossível, senhora – respondi. – Não vejo cavaleiro algum.

– Como o senhor não vê o cavaleiro, se eu vejo a sombra de um homem e de um cavalo?

Olhei na direção da sua mão e, com efeito, vi a sombra de um homem e de um cavalo. Em vão, porém, procurei pelos corpos que projetavam essas sombras.

Fiz com que o padre reparasse nesse singular fenômeno. O clérigo persignou-se.

Pouco a pouco essa sombra foi-se esvaecendo, tornando-se menos visível. Finalmente, desapareceu completamente.

Entramos em Berna. Todos esses presságios pareciam fatais à pobre mulher. Dizia continuamente que queria voltar; todavia, continuava o seu caminho.

Como resultado da inquietação do seu espírito, ou do progresso natural de sua enfermidade, ao chegar a Thun, ela, de tão debilitada que estava, somente pôde continuar a sua viagem de liteira. Assim atravessou o Kander-Thal e o Gemmi. Ao chegar a Louesche, irrompeu uma erisipela e, por mais de um mês,

ela permaneceu cega e surda.

De toda sorte, os seus pressentimentos não a tinham enganado. Mal havíamos caminhado vinte léguas, o seu marido, em Basileia, fora acometido de uma febre cerebral.

Tão rápidos progressos fez a doença que, sentindo nesse mesmo dia a gravidade de seu estado, o marido mandou um homem a cavalo dar a notícia à sua mulher, pedindo-lhe que voltasse. Mas, entre Lauffen e Breinteimbach, o cavalo tropeçou, derrubando o cavaleiro, que, na queda, bateu com a cabeça numa pedra e ficara recolhido em uma estalagem, sem nada poder fazer por quem o enviara, a não ser adverti-lo do acidente que sofrera.

Então o marido despachou outro mensageiro. Sem dúvida, porém, sobre eles pesava alguma fatalidade. Na extremidade de Kander-Thal o emissário deixou a montaria e tomou um guia para subir o Schwalbach, que separa Oberland do Valais. Mas, em meio-caminho, uma massa de neve, desprendendo-se da montanha, o soterrara. Neste interim, a enfermidade do marido fazia terríveis progressos. Haviam-lhe raspado a cabeça, que tinha bastos e compridos cabelos, para aplicar-lhe gelo no crânio. Daí por diante, o moribundo não mais conservou qualquer esperança. Em um momento de tranquilidade, escrevera à mulher:

“Querida Bertha.

Estou morrendo; não quero, porém, separar-me de todo de ti. Manda fazer um bracelete com os cabelos que me acabam de cortar. Nunca o tires do braço; parece-me que assim sempre estaremos juntos.

Teu Frédérick.”

Depois entregara essa carta a outro emissário, a quem ordenara que partisse logo que o visse morto.

Isso aconteceu nessa mesma tarde, e uma hora depois, o mensageiro partiu. Mais feliz do que os seus predecessores, em cinco dias chegou a Louesche.

Porém, encontrou a mulher cega e surda. Somente um mês depois, graças à eficácia das caldas, essa dupla enfermidade começou a desaparecer. Só daí a um mês, tiveram a coragem de dar-lhe a notícia, para a qual aquelas diversas visões a haviam preparado.

Permanecera nas caldas, para se restabelecer de todo, por mais um mês. Finalmente, após três meses de ausência, voltou a Basileia.

Como eu igualmente concluía o meu tratamento – pois o que me levava às caldas fora reumatismo, de que já me achava aliviado –, pedi-lhe licença para acompanhá-la, o que ela aceitou com gratidão, pois em mim encontrava alguém com quem podia conversar acerca de seu marido, que eu mal entrevera no momento da partida, mas que, enfim, vira.

Deixamos Louesche e, na noite do quinto dia, estávamos de volta a Basileia.

Nada foi mais triste e mais doloroso do que a volta dessa pobre viúva para sua casa. Como os dois jovens cônjuges não tinham família, morto o marido, haviam fechado a loja: o comércio cessara como fenece o movimento de um pêndulo, quando acaba a corda. Chamou-se o médico que havia assistido o enfermo, as diversas pessoas que tinham estado presentes nos seus últimos momentos e com as suas informações, pôde a pobre mulher recompor essa agonia, reconstruir essa morte já esquecida pelos corações indiferentes.

Perguntou-lhes, enfim, pelos cabelos que seu marido lhe havia legado.

O médico recordou-se de tê-los mandado raspar, o barbeiro de ter cumprido a ordem. De nada mais se lembravam: os cabelos não haviam sido guardados. Estavam perdidos.

A viúva ficou desesperada: esse único desejo do moribundo, de que levasse no braço uma pulseira de seus cabelos, era, pois, impossível de realizar.

Muitas noites se passaram, noites profundamente tristes, durante as quais a viúva, sozinha em sua deserta casa, mais parecia uma sombra do que um ente vivo.

Assim que deitava, ou, antes, assim que adormecia, sentia o seu braço direito cair entorpecido, e acordava no momento em que esse torpor se estendia até o coração.

Ele começava no punho, no lugar exato em que deveria estar a pulseira de cabelos, e onde sentia uma pressão igual à de um bracelete de ferro muito apertado. E do punho, como dissemos, o entorpecimento ia-se estendendo até o coração.

Era evidente que o morto manifestava seu descontentamento por suas últimas vontades terem sido tão mal executadas.

A viúva compreendeu que esses pesares vinham de além-túmulo. Resolveu mandar abrir a cova e, se a cabeça de seu marido não houvesse sido de todo raspada, procurar nela cabelo o suficiente para realizar aquele derradeiro desejo.

Portanto, sem dizer a ninguém os seus projetos, mandou chamar o coveiro.

Todavia, o coveiro que havia enterrado o marido estava morto e o seu sucessor, que assumira a função há apenas quinze dias, não sabia o lugar da sepultura.

Esperando uma revelação – ela, que pela duplicação da aparição do cavalo, do cavaleiro, pela pressão do bracelete, tinha o direito de acreditar em prodígios –, dirigiu-se sozinha ao cemitério, sentou-se em um cômodo coberto da relva verde e vivaz, como costuma crescer sobre os túmulos, e aí invocou algum novo sinal que a guiasse nas suas buscas.

Um funéreo quadro estava pintado na parede desse cemitério. Os seus olhos fitaram-se na Morte, nessa figura ao mesmo tempo sarcástica e terrível. Pareceu-lhe, então, que a morte levantava o braço descarnado e, com o ossudo

dedo, apontava-lhe um túmulo entre as derradeiras sepulturas.

Para ela dirigiu-se a viúva e, quando lá chegou, pareceu-lhe ver com nitidez a Morte deixar cair o braço, e voltar à sua primitiva posição.

Marcou então com um sinal a sepultura, foi procurar o coveiro e trouxe-o ao lugar designado, dizendo-lhe:

– Cava. É aqui.

Eu assisti a essa operação. Queria acompanhar essa maravilhosa aventura até o fim.

O coveiro obedeceu.

Ao atingir o caixão, ele ergueu a tampa. A princípio, hesitara. Mas a viúva lhe dissera, com firmeza:

– Abre. É o caixão do meu marido.

Ele obedeceu, pois aquela mulher sabia inspirar em quem a ouvia a confiança que ela tinha em si mesma.

Apareceu, então, uma coisa milagrosa, e que eu vi com os meus próprios olhos. Não só o cadáver era o do seu marido, não só esse cadáver, afora a palidez, estava tal qual fora ele enquanto vivo, como até, depois que haviam sido raspados – isto é, desde o dia de sua morte –, os cabelos tinham crescido tanto que saíam como raízes por todas as fendas do caixão.

Então a pobre mulher inclinou-se para aquele cadáver que parecia apenas adormecido, beijou-lhe a testa, cortou uma mecha desses compridos cabelos, tão prodigiosamente crescidos na cabeça de um defunto, e mandou fazer um bracelete.

Desde então, o entorpecimento noturno cessou. E sempre que estava na iminência de sofrer um grande perigo, a viúva sentia uma suave pressão, um apertar amigo que lhe dizia que tomasse cuidado...



Esta última narrativa constitui o capítulo XI de “Um mil e um fantasmas”.
Título original: “Le bracelet de cheveux”.



Alors la pauvre femme se pencha vers le cadavre.

CRÉDITOS

A CABEÇA DECEPADA E OUTROS CONTOS DE TERROR

Alexandre Dumas (1802-1870).

Texto original de domínio público.

Tradução de autor desconhecido. Contos publicados originalmente no periódico “O Brasil” do Rio de Janeiro nos anos de 1849 e 1850. Pesquisa, recuperação, atualização ortográfica e adaptação textual: Paulo Soriano.

Série Mestres da Literatura de Terror, Horror e Fantasia nº 5.

Ilustrações: Andriou e Ed. Coppin para *Les mille et un fantômes*, de Alexandre Dumas, Calmann-Lévy, Paris, s.d. (séc. XIX).

Foto da capa: Félix Nadar (1820-1910).

© da adaptação textual: Paulo Soriano, 2015.

Edições TRIUMVIRATUS, MMXV.

edicoestriumviratus@gmail.com

*

O objetivo das **Edições Triumviratus** é levar ao leitor de língua portuguesa obras de clássicos da literatura, sobretudo fantástica, escritas por grandes mestres da Literatura Universal. Muitos de nossos livros eletrônicos contêm obras raras de grandes autores. As traduções são **originais e exclusivas** ou de **domínio público**.

A **Série Mestres da Literatura de Terror, Horror e Fantasia** apresenta, a cada edição, pelo menos uma narrativa de consagrado autor do gênero.

*

TÍTULOS E COLEÇÕES

SÉRIE MESTRES DA LITERATURA DE TERROR, HORROR E FANTASIA

1. [A AVENTURA DO ESTUDANTE ALEMÃO](#) – Washington Irving.
2. [CONFISSÃO ENCONTRADA NUMA PRISÃO NA ÉPOCA DE CARLOS II](#) – Charles Dickens.
3. [EL VERDUGO](#) – Honoré de Balzac.
4. [O INIMIGO seguido de UMA NOITE TERRÍVEL](#) – Anton Tchekhov
5. [A CABEÇA DECEPADADA E OUTROS CONTOS DE TERROR](#) – Alexandre Dumas.
A cabeça decepada, A persistência da vida após a guilhotina, O bracelete de cabelos cadavéricos.
6. [O COLAR DE DIAMANTES E OUTROS CONTOS CRUÉIS](#) – Guy de Maupassant.
O colar de diamantes, O horrível, A mão misteriosa.

SÉRIE CLÁSSICOS DO HORROR

1. [CONTOS DE TERROR ANIMAL](#) – H. P. Lovecraft, Victor Hugo, Horacio Quiroga e Guy de Maupassant.
Os gatos de Ulthar (H. P. Lovecraft), A torre das ratazanas (Victor Hugo), O mel silvestre (Horacio Quiroga), Uma vendeta (Guy de Maupassant).
2. [CONTOS DE TERROR ANIMAL VOL. II](#) – Edgar Allan Pöe, Guy de Maupassant, Horacio Quiroga e Ambrose Bierce.
O gato preto (Edgar Allan Pöe), O lobo (Guy de Maupassant), À deriva (Horacio Quiroga), O travesseiro de penas (Horácio Quiroga), A alucinação de Staley Fleming (Ambrose Bierce).
3. [CONTOS DE TERROR TUMULAR](#) – Guy de Maupassant, Ambrose Bierce, Marcel Schwob e Emilia Pardo Bazán.
A morta (Guy de Maupassant), O habitante de Carcosa (Ambrose Bierce), A Tumba (Guy de Maupassant), Lilith (Marcel Schwob), A ressuscitada (Emilia Pardo Bazán).
4. [CONTOS CRUÉIS DE TERROR](#) – Edgar Allan Pöe, W. W. Jacobs e Horacio Quiroga.
O Coração delator (Edgar Allan Pöe), A mão do macaco (W. W. Jacobs), A galinha degolada (Horacio Quiroga).

5. HISTÓRIAS DE TERROR DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA – Plínio o Jovem, Petrônio e Plutarco

A casa mal-assombrada (Plínio o Jovem), *O lobisomem* (Petrônio), *As vampiras* (Petrônio), *A matrona de Éfeso* (Petrônio), *O fantasma de Dámon* (Plutarco), *O espírito de Cleonice* (Petrônio).

[1] Jean-Philippe Ledru (1754-1832) foi um médico francês, membro da Academia Nacional de Medicina e prefeito de Fontenay-aux-Roses entre 1812 e 1826. Foi grão-mestre da loja maçônica parisiense dos Cavaleiros da Cruz.

[2] Adam Billot (1602-1662) foi um marceneiro, cancionista e poeta francês.

[3] Dumas alude à Revolução de Julho, sublevação popular que culminou com a abdicação de Carlos X (1757-1836).

[4] Jean-Baptiste Alliete (1738-1791), dito Eteila, foi um ocultista francês e pioneiro na popularização do tarô.

[5] Alessandro, Conde de Cagliostro (1743-1795) foi um ocultista e alquimista italiano. O conde de Saint-Germain (1696-1784), cuja verdadeira identidade permanece desconhecida, foi uma das figuras mais misteriosas do século XVIII; era, igualmente, ocultista e alquimista. Conta-se que seria imortal e que possuía a pedra filosofal e o elixir da juventude. O Judeu Errante é uma figura lendária, dotada de imortalidade.

[6] Paul Scarron (1610-1660), escritor satírico francês.

[7] *Sans-culottes* é o termo que designa os revolucionários provenientes das classes menos favorecidas da sociedade francesa do século XVIII, a exemplo de artesãos, pedreiros, operários e outros trabalhadores manuais.

[8] François-Severin Marceau (1769-1796), militar francês, foi general durante as guerras revolucionárias francesas, conflitos de grande dimensão que ocorreram entre 1792 e 1802.

[9] Assim como Marceau, Jean-Baptiste Kléber (1753-1800) foi general durante as guerras revolucionárias francesas.

[10] A Vandeia é uma região costeira do Oeste da França, localizada no vale do rio Liger (Loire, em francês). Foi palco de uma guerra civil contrarrevolucionária, entre 1793 e 1796.

[11] No original, *cocarde*, pequena rosácea de pano, nas cores da França (vermelho, azul e branco), que os revolucionários traziam na lateral do barrete.

[12] Não é para provocar o horror que abordamos tal assunto, mas cremos que, no momento em que abolição da pena de morte é objeto de preocupação geral, tal digressão não seria ociosa (Nota de Dumas.)